

REPRESENTAÇÃO DE ARTEFATOS CULTURAIS NO ÂMBITO DO CIDOC CRM: a modelagem conceitual sob a perspectiva das práticas semióticas

REPRESENTATION OF CULTURAL ARTIFACTS WITHIN THE SCOPE OF CIDOC CRM: conceptual modeling from the perspective of semiotic practices

Etefania Cristina Pavarina | Alexandre Robson Martines | Carlos Cândido de Almeida

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag20a4>

Resumo: O objetivo é analisar como a semiótica prática de Fontanille pode auxiliar na representação da informação de artefatos culturais no âmbito do CIDOC Conceptual Reference Model (CRM). Aplicou-se uma metodologia qualitativa, descritiva e exploratória, tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, sob a qual se estabeleceu uma análise crítica. Desse modo, aponta-se que os modelos conceituais na organização do conhecimento incluem hierarquias e redes, coleções interconectadas de signos. Essas estruturas permitem representar a relação entre os signos, possibilitando uma compreensão dos recursos informacionais e seu contexto, o que muitas vezes é delimitado como domínio, ou seja, determinado conceito tem determinado efeito de sentido, uma conduta de acordo com a concepção de formas de vida. A compreensão semiótica também auxilia na identificação das propriedades relevantes para descrever os artefatos culturais no CIDOC CRM. Essas propriedades capturam características específicas dos artefatos, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos significados culturais, promovendo preservação e disseminação do conhecimento no campo do patrimônio cultural.

Palavras-chave: Artefato cultural; CIDOC CRM; Modelos conceituais; Práticas Semióticas.

Abstract: The objective is to analyze how Fontanille practical semiotics can assist in the representation of information about cultural artifacts within the scope of the CIDOC Conceptual Reference Model (CRM). A qualitative, descriptive, and exploratory methodology was applied, conducting bibliographic research in which a critical analysis was established. Thus, it is pointed out that conceptual models in knowledge organization include hierarchies and networks, interconnected collections of signs. These structures allow representing the relationship between signs, enabling an understanding of informational resources and their context, which is often delimited as a domain, meaning that a specific concept has a certain effect of meaning, a behavior in accordance with the conception of ways of life. Semiotic understanding also aids in identifying the relevant properties to describe cultural artifacts in the CIDOC CRM. These properties capture specific characteristics of the artifacts, contributing to a deeper understanding of cultural meanings, promoting preservation, and dissemination of knowledge in the field of cultural heritage.

Keywords: Cultural artifact; CIDOC CRM; Conceptual models; Semiotic Practices.

1. Introdução

A representação da informação de artefatos culturais desempenha um papel fundamental na preservação e compreensão das sociedades passadas, bem como no enriquecimento do conhecimento humano. No entanto, a representação adequada desses artefatos, tanto em termos de seus significados simbólicos quanto de suas características físicas, apresenta desafios significativos. De acordo com a pesquisa conduzida por Noor *et al.* (2019), esses desafios decorrem, em parte, da complexidade das informações associadas aos artefatos culturais, que são dependentes do contexto, variando em tipo (manuscritos, pinturas, objetos artísticos e arquitetônicos, monumentos, edifícios históricos, moedas, fotos etc.),

tempo e origem. Nesse contexto, a semiótica e a modelagem conceitual podem ser identificadas como abordagens promissoras para o tratamento da informação de artefatos culturais.

A semiótica, como teoria da linguagem e dos signos, fornece um arcabouço teórico para analisar os símbolos e significados presentes nos artefatos culturais. Ela busca compreender como esses símbolos são interpretados e comunicam mensagens dentro de um contexto cultural específico. Por meio da análise semiótica, é possível identificar os elementos simbólicos presentes nos artefatos, bem como suas relações e significados subjacentes.

Por outro lado, os modelos conceituais surgem “[...] como uma abordagem alternativa para a representação formal de um determinado domínio em que o recurso informacional está inserido, permitindo delimitar termos das classes de entidades e suas possíveis relações” (REIS, CASTRO e FUJITA, 2023:2), desempenhando, assim, um papel fundamental no tratamento de artefatos culturais, estabelecendo conexões entre termos e conceitos, com o objetivo de construir uma base informacional sólida para objetos culturais (REIS, CASTRO e FUJITA, 2023).

No âmbito da Ciência da Informação, destaca-se a utilização do CIDOC Conceptual Reference Model (CRM) como um modelo conceitual em instituições voltadas para o patrimônio cultural. O CRM tem como objetivo integrar, representar e relacionar diversos patrimônios a fontes culturais variadas, por meio da identificação de entidades e propriedades presentes em sua arquitetura de metadados. Esse modelo conceitual proporciona uma estrutura unificada para a organização e descrição da informação relacionada aos artefatos culturais, permitindo a interconexão e interoperabilidade entre diferentes sistemas e instituições.

Ao adotar o CRM, as instituições de patrimônio cultural visam a facilitar o acesso, a pesquisa e a preservação dos registros culturais, contribuindo para a compreensão e valorização do patrimônio cultural em níveis global e local.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar como o aporte teórico da semiótica prática de Fontanille pode auxiliar na representação da informação de artefatos culturais no âmbito do CIDOC Conceptual Reference Model (CRM), a fim de correlacionar mecanismos de representação das entidades e propriedades desses artefatos através dos níveis de pertinência que compõem o percurso gerativo da expressão.

A hipótese desta pesquisa é que a combinação das práticas semióticas e da modelagem conceitual oferece uma abordagem abrangente para a representação da informação de artefatos culturais, a fim de padronizar a análise de artefatos culturais e a atribuição de significado com mais precisão para garantir a interoperabilidade semântica e compartilhamento de dados. Ao integrar a análise dos símbolos e significados com a estruturação conceitual dos dados, é possível obter uma compreensão mais profunda e abrangente dos artefatos, sua história e seus contextos culturais, contribuindo assim para a preservação e valorização das identidades culturais, pois estas são construídas frente a uma cena prática e a configuração de formas de vida.

Fusco (2010) ressalta a relevância dos estudos relacionados aos modelos conceituais no contexto da representação da informação, pois eles possibilitam uma descrição abrangente e eficaz da informação por meio da modelagem conceitual de dados. Esses modelos, tanto

conceituais quanto lógicos, visam a proporcionar uma nova perspectiva aos profissionais da área de informação, abordando os princípios fundamentais subjacentes aos códigos, regras e padrões de catalogação, permitindo uma representação mais ampla e eficiente em todas as dimensões da informação.

Para tanto, aplicou-se uma metodologia qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, tendo em vista a descrição da concepção de artefatos culturais, suas aplicabilidades e representações, bem como a descrição e análise da teoria das práticas semióticas e os apontamentos dos níveis de pertinência e imanência. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, sob a qual se estabeleceu uma análise crítica. A coleta ocorreu diante do acesso às bases de dados JSTOR, Google *Scholar*, ACM *Digital Library* e BRAPCI, onde se utilizaram os seguintes termos de busca/descriptores – “representação da informação”, “modelagem conceitual”, “artefato cultural”, “CIDOC CRM”, “semiótica”, “práticas semióticas” – em estratégias de busca simples e compostas, nos idiomas português e inglês, para uma visão ampla sobre a temática, além da consulta em livros especializados. Diante dos materiais analisados, destacam-se Doerr (2003), Stead (2008) e Carrasco (2019) para tratar da modelagem conceitual, mais especificamente no contexto do CIDOC CRM, como ainda Fontanille (2008a, 2008b, 2015, 2016) para tratar de práticas semióticas e formas de vida. A análise ocorreu a partir dos conceitos de artefatos culturais, modelagem conceitual, elementos do CIDOC CRM (entidades e atributos) percurso gerativo do plano da expressão, práticas semióticas, cenas práticas, níveis de pertinência, nível de imanência, formas de vida. Assim, a interpretação se estabeleceu diante da inter-relação entre as teorias de modo interdisciplinar, o que permitiu a realização de inferências e a construção dos resultados.

Com isso, espera-se que esta pesquisa contribua para reflexão e análise simbólica dos artefatos culturais, bem como tenha como proposto uma teoria que demonstre caminhos para tratar a significação através das formas de vida e, assim, seja possível construir um processo de representação da informação que garanta a representatividade e a valorização das identidades.

2. Recurso informacional como artefato cultural

As acepções do termo, bem como o que é considerado artefato cultural, geralmente são temas de discussão de pesquisadores da área de Antropologia, Etnologia e Sociologia, dentre outros pesquisadores situados nas Ciências Sociais. A noção de artefato está vinculada, de maneira mais restrita, a objetos recuperados em sítios arqueológicos (os artefatos arqueológicos), por outro lado, em um sentido mais amplo e difundido, o termo se vincula a objetos e/ou coisas confeccionadas por humanos que possuem informações e/ou valores culturais sobre seus criadores ou usuários.

Cole (1996a:117) define o artefato como “[...] um aspecto do mundo material que foi modificado ao longo da história de sua incorporação em ação humana”. Posteriormente, o autor explica que os artefatos são, simultaneamente, ideias (conceituais) e materiais, isto é:

São ideais na medida em que contêm, na forma codificada, as interações das quais eles previamente fizeram parte. Tais artefatos existem apenas na medida em que estejam corporificados na materialidade. Isto se aplica à

linguagem/discurso tanto quanto às formas de artefato mais usualmente assinaladas. Na medida em que medeiam a interação com o mundo, os artefatos culturais podem, também, ser considerados instrumentos (COLE, 1996b:87).

A partir das concepções do autor supracitado, depreende-se que os artefatos são instrumentos que se caracterizam como uma parte material de determinada cultura e são, concomitantemente, instrumentos de ordem conceitual que evidenciam valores não materiais impregnados de subjetividade. Portanto, são objetos que representam elementos e/ou aspectos do mundo material, criados e modificados a partir de processos culturais, sendo incorporados às ações humanas a fim de elaborar determinadas atividades, registrar determinada cultura, práticas sociais e, conseqüentemente, viabilizar a compreensão do modo de agir de determinada comunidade/cultura.

Essa visão do artefato, não apenas como um objeto material, mas como um meio de expressão e representação do homem, foi explorada, também, por Fleming (1974:153, *tradução nossa*) ao explicar que “os artefatos feitos e usados por um povo não são apenas uma expressão básica desse povo; são, como a própria cultura, um meio necessário de autorrealização do homem”. Concomitantemente, os artefatos atuam como “objetivações de necessidades e intenções humanas já investidas de conteúdo cognitivo e afetivo” (FLEMING, 1974:204, *tradução nossa*), o que evidencia o caráter do artefato não apenas como um objeto externo e prático, mas também como um produto cognitivo de representações internas, como os modelos mentais (ENGSTRÖM, 1999). Assim, o artefato se constrói a partir de componentes internos e externos aos indivíduos em uma relação dialógica, passando por constantes fluxos e transformações em detrimento da criação do objeto como tal, a partir do desenrolar de determinadas atividades.

No campo da Ciência da Informação, o recurso informacional pode ser considerado um artefato cultural. No entanto, essa caracterização levanta a necessidade de compreender conceitos importantes, como recurso, documento e artefato. Para abordar essas questões, Glushko (2016:35, *grifo do autor, tradução nossa*) explica que:

O recurso possui um sentido comum de qualquer coisa de valor que possa apoiar a atividade orientada a um objetivo. Esta definição significa que um recurso pode ser uma coisa física, uma coisa não-física, informações sobre coisas físicas, informações sobre coisas não-físicas ou qualquer coisa que você queira organizar. Em outras palavras, o que direciona este amplo escopo são **entidade, objeto, item e instância**. O termo **documento** é frequentemente utilizado para um recurso informacional, seja ele em formato digital ou analógico; o termo **artefato** refere-se a recursos criados por pessoas, e ativo para recursos com valores econômicos.

Em uma perspectiva similar, Santos, Simionato e Arakaki (2014) definem o recurso informacional como uma informação que foi objetivada dentro de um domínio do conhecimento, apresentando-se em uma estrutura analógica ou digital, com valor informacional que caracteriza conceitos expressos em manifestações concretas estruturadas em um ou mais itens. Assim, os autores referem-se ao recurso informacional também como informação registrada, item informacional e artefato.

Nesse sentido, a concepção de recurso informacional está alinhada com o que Buckland (1991) caracterizou como "informação-como-coisa". Isso significa que a informação é expressa, descrita e registrada em algum suporte ou representada de alguma forma física, por meio de signos, textos, imagens ou outros meios de comunicação. Essa forma de informação é tangível e pode ser medida e mensurada. Portanto, os objetos materiais são considerados portadores de informações que representam e transmitem conhecimento para acesso e uso.

Desde Otlet, a ampliação do termo "documento" abrange objetos além dos textuais, visuais e sonoros, incluindo animais em um zoológico, objetos arqueológicos e monumentos. Esses objetos são considerados recursos informacionais por serem evidências simbólicas com significados socio-histórico-culturais e potencial informativo em contextos específicos (BUCKLAND, 2017). Segundo Pagès (1948), o termo "documento" refere-se a qualquer coisa material significante, um signo ou conjunto de símbolos naturais ou artificiais. Documentos são símbolos que, com apoio tecnológico, podem perdurar ao longo do tempo.

Smiraglia (2008) destaca que os documentos não são apenas pacotes de informações, mas sim artefatos do conhecimento que refletem o meio cultural em que surgiram, o que torna cada documento um produto de seu tempo e circunstância. Esses documentos são considerados recursos informacionais que fazem parte do patrimônio cultural de uma sociedade, conferindo-lhes o caráter de artefatos culturais. De maneira semelhante, Pacheco (1995) apresenta a informação como um artefato, uma vez que é um produto das atividades humanas, materializada em diversas formas, formatos e suportes.

A informação não existe independentemente na natureza, sendo uma ferramenta produzida, percebida e utilizada pelos indivíduos como um elemento necessário para a construção do conhecimento. Portanto, como artefato, a informação só existe quando é reconhecida como tal, e esse reconhecimento está relacionado ao processo de construção de significados que a identificam, estabelecidos a partir do contexto específico de sua criação. Nessa perspectiva, Almeida e Azevedo Netto (2019) ressaltam que entender a informação como um artefato implica em observá-la em um conjunto contextualizado em termos de espaço, tempo e morfologia, resultado de um processo histórico, social e cultural.

Dessa forma, ao considerar a informação, o documento e/ou recurso informacional como artefatos culturais, é essencial analisá-los como portadores da cultura em que foram criados, compreendendo o contexto de produção e os contextos de uso. Esses recursos não são meramente coleções de informações em um suporte, conforme evidenciado por Smiraglia (2008), mas sim parte de uma cultura específica, carregando informações sobre a sociedade que os produziu e sendo influenciados por ideologias.

Como artefatos, eles não apenas fornecem informações, mas também são expressões culturais e registros históricos que auxiliam no estudo de eventos em um determinado espaço-tempo, revelando aspectos socioculturais e refletindo a identidade de seus autores/criadores, incluindo seus valores, crenças, sentimentos e concepções. Além de evidenciar marcas do contexto histórico-sócio-cultural em que foram produzidos, esses recursos se tornam registros valiosos que demarcam eventos importantes em determinadas épocas e refletem estudos sobre a memória cultural, local e institucional.

Os indivíduos utilizam sistemas culturais, linguísticos e semióticos para criar recursos informacionais com significados simbólicos. No entanto, um mesmo recurso pode ter

significados diferentes quando inserido em culturas distintas ou em épocas diferentes. Isso ocorre porque, como artefato cultural, o recurso informacional carrega significados, e a interpretação desse conteúdo e do significado associado depende do contexto de produção e recepção. O artefato pode ter um significado "concreto" atribuído por seus criadores, mas também pode ter um significado situacional e/ou subjetivo ao ser inserido em um contexto sócio-histórico diferente daquele em que foi produzido, sendo interpretado pelos indivíduos de acordo com suas experiências pessoais, culturais e sociais. Sob essa perspectiva, Smiraglia (2008) destaca que o conteúdo intelectual é moldado por influências culturais, e cada artefato representa uma combinação particular de seu domínio de conhecimento, finalidade, intenção e tecnologias utilizados em sua produção.

Esse fato leva à compreensão de que o significado de um artefato não é fixo e imutável, porque pode sofrer alterações de acordo com os valores e crenças de determinada comunidade. Conforme pontua Dornelles (2010:n. p.), “os artefatos culturais não têm significados únicos, fixos e intocáveis, seu significado depende do que eles significam em determinado contexto [...]”. Em perspectiva complementar, Pacheco evidencia que “um artefato é o registro de vários conteúdos, e incorpora diferentes registros. Ele é fruto e formador de contextos” (PACHECO, 1995:23).

O recurso informacional passa por vários níveis de interpretação e, conseqüentemente, de contextualização e recontextualização. Em analogia às inferências de Pacheco (1995), depreende-se que um recurso informacional é criado num dado tempo, espaço e forma específica, a partir do qual se é estabelecido um dos contextos pelos quais deve ser interpretado – seu contexto de geração. Como artefato, o mesmo recurso pode ser utilizado em um contexto distinto para o qual e no qual foi produzido, tornando-se, portanto, passível de recontextualização. Em tais circunstâncias, Azevedo Netto (2007) indica que a recontextualização deve levar em conta dois fatores (tempo e espaço) para viabilizar novas interpretações de informações. O autor esclarece que “[...] estes dois fatores não devem ser levados em conta sob seu aspecto físico, mas sim sob o prisma da cultura, ou seja, a distância espaço-temporal de uma cultura, ou seu momento, para outra” (AZEVEDO NETTO, 2007:6).

Assim sendo, compreender o recurso informacional como um registro da cultura material, materializada em diferentes tipos de suporte, veiculada por ferramentas tecnológicas, leva à necessidade de compreensão de características dos recursos além das comumente descritas nos registros bibliográficos, tanto nos aspectos descritivos quanto temáticos. Pacheco (1995:22) explica que “[...] o produto, o artigo, o artefato informação, como concebido nos dias de hoje, se destaca mais por suas características físicas, que são na realidade as características de seu suporte, do que por suas características sociais [...]”. Nesse sentido, Smiraglia (2008) aponta que cada recurso informacional deve ser visto como parte integrante – ou efêmera, em alguns casos – de um domínio do conhecimento, o que incita, aos profissionais da informação, a colocá-los em seu meio cultural para descrever além das informações bibliográficas essenciais (autor, título, assunto, etc.), informações referentes à cultura e ao contexto. Deste modo, salienta-se nesta pesquisa a necessidade de um olhar acurado para as formas de representação dos recursos informacionais, considerando suas características de forma, conteúdo e contexto.

3. Representação da informação e CIDOC CRM

A representação da informação remonta às primeiras tentativas de registro do conhecimento em meios tangíveis, com o intuito de armazená-los e posteriormente recuperá-los para utilização. As atividades de representação da informação desempenham o papel de retratar tanto a forma como o conteúdo dos recursos informacionais, isto é, fornecem uma descrição das características relacionadas à representação física ou bibliográfica do item em questão. Esses dados incluem informações como o autor, título, edição, editora, data e paginação, entre outros, seguindo as diretrizes de um ou mais código de catalogação. Além disso, a representação de conteúdo ou temática, que se concentra no próprio conteúdo do recurso informacional ao possibilitar a identificação de termos descritores, atribuição de um número de classificação com base nos assuntos identificados, bem como elaborar um resumo do recurso informacional.

No contexto atual, com os avanços tecnológicos constantes nas áreas de comunicação e informação, as informações digitais e o ambiente web desempenham um papel fundamental nesse cenário. Diante dessa realidade, torna-se indispensável o estabelecimento de estruturas de representação e mecanismos de acesso capazes de lidar com a modelagem e representação desse novo ambiente e tipo de recurso informacional. É nesse contexto que a representação da informação, em especial no que diz respeito à representação descritiva e à modelagem da informação, conecta-se a temas contemporâneos, tais como metadados, usabilidade de recursos digitais e modelagem de dados, entre outros (AGANETTE, TEIXEIRA e AGANETTE, 2017).

Um dos métodos de representação da informação que tem sido proposto como uma forma de agregar semântica aos conteúdos trocados entre sistemas heterogêneos, como os provenientes de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, são os modelos conceituais, como o FRBR, CRM/CIDOC e EDM. Os modelos conceituais são representações formais de um domínio que descrevem as classes de entidades e suas relações dentro desse domínio. O objetivo principal dos modelos conceituais é facilitar a interoperabilidade entre os acervos de diferentes instituições de memória e cultura (MARCONDES, 2015). Especificamente, essa é uma das metas explícitas do Modelo Conceitual de Referência (CRM) do CIDOC/ICOM.

O CIDOC-CRM é uma ferramenta resultante de esforços multidisciplinares realizados pelo Grupo de Documentação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC), que se estabeleceu como um modelo de padrão internacional. Em setembro de 2000, esse modelo foi aceito pela Organização Internacional de Normalização (ISO) por meio do Comitê Técnico ISO46, seguindo o processo ISO 21127, e foi oficialmente reconhecido como um padrão em 2006. Posteriormente, em dezembro de 2014, uma nova versão do modelo (baseada na versão 5.0.4 do CRM CIDOC) foi disponibilizada, denominada ISO 21127:2014. O objetivo principal desse modelo é facilitar a integração, mediação e troca de informações heterogêneas no domínio do Patrimônio Cultural (INTERNATIONAL..., 2021).

O CIDOC CRM é uma ontologia de alto nível que permite a integração de informações relacionadas ao patrimônio cultural, estabelecendo conexões entre dados provenientes de museus, bibliotecas e arquivos. Além disso, é possível converter essas informações para outros formatos legíveis por máquina, como RDF (*Resource Description Framework*) e XML (*Extensible Markup Language*). Devido à sua adequação em arquiteturas de

integração, existem diversos mapeamentos de metadados em XML para o CIDOC CRM, sendo considerado um dos modelos mais apropriados para esse propósito (CARRASCO, 2019).

É importante destacar que o CIDOC CRM foi originalmente desenvolvido no contexto dos museus e, posteriormente, ampliado para abranger o domínio do patrimônio cultural de modo geral que incorpora classes e lógicas de grupos de propriedades relacionadas às noções de participação, parte e estrutura, localização, avaliação e identificação, objetivo, motivação e uso, entre outras. A versão mais recente do CIDOC-CRM (7.1.1), conta com um total de 81 classes e 160 propriedades distintas que descrevem as os elementos dos recursos informacionais. De acordo com Doer (2003), essas propriedades conferem às Entidades Temporais e, conseqüentemente, aos eventos, uma posição central no modelo, como ilustrado simbolicamente na fig. 1.

Fig. 1 - Principais entidades e propriedades do CIDOC CRM



Fonte: Stead (2008:16)

No modelo em questão, destacam-se as seguintes entidades: E2 *Temporal Entities* (entidade temporal), E18 *Physical Stuff* (objeto físico), E28 *Conceptual Object* (objeto conceitual), E39 *Actor* (ator), E41 *Appellation* (denominação), E50 *Date* (data), E52 *Time-Span* (período), E53 *Place* (local) e E55 *Type* (tipo).

A entidade *Temporal Entities* desempenha um papel fundamental ao estabelecer conexões entre outras entidades, pois esse modelo é centrado em eventos. Os atores estão relacionados a entidades físicas e conceituais, sejam objetos materiais ou imateriais, apenas por meio das entidades temporais relacionadas aos eventos, ou seja, não é permitido que objetos ou pessoas sejam vinculados ao tempo, é permitido apenas que os eventos sejam vinculados ao tempo e que pessoas, objetos ou lugares sejam vinculados a esses eventos (STEAD, 2008).

Cada instância de uma classe pode ser identificada por meio de denominações, que incluem nomes, rótulos, títulos ou qualquer outra forma de designação utilizada no contexto

histórico. Nesse sentido, a entidade *Appellations* identifica a entidade *Actors*, que participa da entidade *Temporal Entities* dentro de um período expresso pela entidade *Time-Spans*, em um local expresso pela entidade *Physical Things*, e por sua concepção, expressa pela entidade *Conceptual Objects*. Além disso, a entidade *Types* é utilizada para aprimorar a descrição e classificação dessas entidades (DOEER, 2003; CARRASCO, 2019).

4. Práticas semióticas: o conceito construído nas formas de vida

O processo de significação é uma construção bastante complexa. Muitas abordagens das teorias relacionadas à linguagem entendem que há uma aproximação daquilo que Louis Hjelmslev denominou de plano da expressão e de plano do conteúdo. De modo geral, os aspectos semânticos direcionados ao significado estão mais conectados ao plano da expressão, já que, baseado nos fundamentos linguísticos, o texto oferece a correlação lexical, ou ainda a correlação predicativa através de construção sintática. Por sua vez, vários fatores atrelados ao plano do conteúdo estão alinhados à cognição e ao extralinguístico e, por isso, erroneamente, há o entendimento, por parte de pesquisadores das linhas da linguística, da informação e da comunicação, de que esse setor é de responsabilidade somente da psicologia ou da filosofia, sendo que há avanços importantes no processo interdisciplinar entre essas áreas.

Proceder análises baseadas apenas no plano da expressão, conseqüentemente, proporcionará investigações superficiais, pois, equivocadamente, acaba-se explorando apenas o potencial lexical, ou ainda se atribui ao termo, devido à sua função como estrato técnico-científico, a capacidade de revocar todo um pensamento, ou um conhecimento. Evidentemente, o termo exerce uma função importante no cenário técnico, cultural, científico, visto que atua como uma catálise, ou seja, uma palavra que recupera uma gama de pressupostos e discussões implícitas. Porém, é preciso refletir que esse potencial da terminologia só é possível porque está inserida em um contexto e uma configuração discursiva, a qual explora a significação de modo mais abrangente que o efeito de sentido atualizado nas proposições.

Diante disso, é válido destacar que o processo de representação da informação e do conhecimento realizado no campo da Ciência da Informação, em sua maioria, realiza-se fundamentado pelo plano da expressão, distanciadamente das correlações com o plano do conteúdo, visto que este é reduzido à compreensão temática, enquanto as práticas alinhadas ao plano da expressão concentram a classificação dos valores em relações semânticas nucleares, ou seja, sem a verificação dos aspectos que interferem no efeito de sentido tampouco há verificação dos aspectos que constroem a significação, ou seja, há o descarte da semiose no processo de representação da informação e do conhecimento.

Assim, realiza-se uma análise do conteúdo temático, justificado sobre a informação registrada em seu enunciado, descartando tanto as informações presentes na enunciação, como também a construção dos discursos, ou melhor, nem as marcas enunciativas, como aspectos implícitos, nem as marcas discursivas, pois, quando muito, apenas identifica-se a comunidade discursiva e o ajustamento dos conceitos a ela.

Frente a isso, o objetivo desta seção é discutir sobre uma abordagem da semiótica de linha francesa, denominada de práticas semióticas, desenvolvida por Jacques Fontanille, em 2008, cuja a prerrogativa de análise é evidenciar o percurso gerativo do plano da expressão,

sendo este o caminho para, através dos níveis de pertinência e dos níveis de imanência que se configuram em cada nível de pertinência, analisar as práxis enunciativa e discursiva e, assim, alcançar a congruência das formas manifestadas nos níveis de imanência, as quais estabelecem uma hegemonia semântica, denominada de isotopia, responsável por apontar a significação realizada no plano do conteúdo.

Inspirado nas definições de Hjelmslev, Fontanille (2015:n. p., *tradução nossa*) afirma que “[...] expressão e conteúdo são nada mais e nada menos que os funtivos resultantes da função semiótica e são estritamente análogos em sua relação com ela”, ou seja, “nada em linguagem, seja o que seja, está predestinado a ser expressão ou a ser conteúdo, independentemente, da função semiótica”. Com isso, é válido destacar que uma função semiótica está relacionada à enunciação, ou melhor, a enunciação determina a disposição da função semiótica e estabelece a semiose (FONTANILLE, 2015; 2016).

Diante disso, entende-se que práticas semióticas são “[...] um curso de ação (aberto pelos dois lados das extremidades da cadeia) que se define a partir de um predicado temático e de um operador, rodeados um e outro, ao menos, por um objeto e por um horizonte estratégico” (FONTANILLE, 2015:n. p., *tradução nossa*). Além disso, as práticas são conduzidas por regularização do curso de ação que “[...] obedece a um princípio de acomodação (programação e ajuste)”, com isso “a natureza dessa acomodação define ao mesmo tempo o gênero de prática (conduta, protocolo, ritual etc.) e sua maior ou menor capacidade para resistir às outras práticas” (FONTANILLE, 2015:n. p., *tradução nossa*).

As práticas semióticas são constituídas por dois fatores fundamentais em sua execução e realização: o nível de imanência e os níveis de pertinência. Por nível de imanência pode-se entender que é “[...] o princípio que permite definir o campo de dependências que deve ser verificado pela análise semiótica. Esse campo é limitado, pois somente admite dependências homogêneas; pode-se dizer, portanto, que forma um plano de imanência” (FONTANILLE, 2015:n. p., *tradução nossa*).

Por outro lado, “[...] para dar conta de um fenômeno semiótico qualquer, pode ser necessário verificar dependências que não são homogêneas; trata-se, portanto, de vários planos de imanência”. Dessa forma, a noção de plano “[...] ecoa das noções de plano da expressão e plano do conteúdo, de sorte que todo plano de imanência deve comportar, no final da análise, os dois planos de uma semiose” (FONTANILLE, 2015:n. p., *tradução nossa*). Outrossim, “[...] por trás do princípio da imanência perfila-se uma hipótese forte e produtiva, segundo a qual a própria práxis semiótica (a enunciação “em ato”) desenvolve uma atividade de esquematização, uma “metasemiótica interna”, ou seja, é possível apreender o sentido, através de uma metalinguagem (FONTANILLE, 2008a, 2016).

Já os planos de pertinência são um modelo hierárquico diante do qual ocorre o percurso gerativo da expressão. É constituído por seis níveis e três funções, as quais são denominadas de tipos de experiência, instâncias formais e instâncias materiais. Importante destacar que o cerne da análise e o avanço na cadeia hierárquica se estabelece a partir das instâncias formais. Com isso, para cada instância formal, há um tipo de experiência e uma instância material condizentes com sua modalidade sígnica.

Frente a isso, tem-se nível 1: a forma está centrada nas figuras-signo, e a experiência provê a figuratividade, o que evidência em sua materialidade propriedades sensíveis e materiais das figuras, ou seja, ancora-se na percepção e reconhecimentos dos signos mínimos que

compõem o objeto, os atributos formais, nucleares e estanques (FONTANILLE, 2008a, 2008b, 2016).

No nível 2: a forma está centrada no texto-enunciado, e a experiência permite a interpretação, já que há a correlação das propriedades sensíveis e materiais do texto, ou seja, sua relação sintagmática, modelos de progressão temática, aspectos de coesão e coerência, além da constituição da isotopia (FONTANILLE, 2008a, 2008b, 2016).

No nível 3: a forma está centrada no objeto, e a experiência se realiza pela corporeidade do objeto, sua anatomia, cor, densidade, volume e tantos outros critérios físicos, assim há a evidência das propriedades sensíveis e materiais desse objeto, que, por alguma razão, é produtor de sentido (FONTANILLE, 2008a, 2008b, 2016).

No nível 4: a forma está centrada nas cenas práticas, ou ainda denominadas de cenas predicativas, e a experiência está concentrada nas práticas das quais evocam as propriedades sensíveis e materiais que demonstram a cena a que o objeto de análise se ajusta e se encaixa, ou as descrições predicativas em um processo metalinguístico (FONTANILLE, 2008a, 2008b, 2016).

No nível 5: a forma está centrada nas estratégias, e a experiência promove uma conjuntura em que se utiliza das propriedades sensíveis e materiais das estratégias para organizar a realização das práticas, bem como recursos e efeitos de correção (FONTANILLE, 2008a, 2008b, 2016).

No nível 6: a forma está centrada nas formas de vida, e a experiência revela um modelo de comportamento, ou seja, há a demonstração de conduta realizada através de símbolos, rituais, crenças, ações, discursos, fator que se realiza na linguagem através de um *ethos*, o qual demonstra a composição conceitual dos valores pertinentes às propriedades sensíveis e materiais das formas de vida (FONTANILLE, 2008a, 2008b, 2016).

As práticas semióticas permitem observar a semiose que confere às formas de vida o entendimento da simbologia das ações e dos discursos, visto que uma forma de vida é “[...] deformação coerente que afeta todos os níveis do percurso generativo de um discurso ou de um universo semiótico qualquer, desde os esquemas sensoriais e perceptivos até as estruturas narrativas, modais e axiológicas” (FONTANILLE, 2015:n. p., *tradução nossa*). Ademais, toda forma de vida é uma semiose, que se constitui pela “[...] forma sintagmática de um curso de existência (plano da expressão), e pelo conjunto de seleção congruente operada sobre as configurações axiológicas, modais, passionais e figurativas (plano do conteúdo)” (FONTANILLE, 2015:n. p., *tradução nossa*).

Frente a isso, entende-se que as cenas práticas são fundamentais para compreender a constituição da informação, a qual em conjunto com outras informações, organizadas de modo estratégico, revelam significações constituídas através do discurso, o qual identifica condutas inerentes à compreensão dos conceitos na configuração do *ethos* que simboliza as formas de vida.

Sendo assim, para a análise semiótica a partir das práticas semióticas é importante evidenciar que o plano da expressão se constitui através da imanência, pois as formas apresentam-se de tal forma que ocorre a manifestação da significação, que pode ser verificado por uma metalinguagem, assim, em um conjunto de imanências decorrente de cada nível de pertinência, provê a semiose e, com isso, o acesso ao plano do conteúdo.

Importante destacar que as cenas práticas inserem os objetos em um conjunto de ações, as quais são delineadas consoante as formas de vida, ou seja, as formas de vida revelam, simbolicamente, a conduta a ser aplicada nas cenas, por isso as formas de vida são modelizadoras de conceitos.

5. CIDOC CRM e as Práticas Semióticas

No contexto da organização da informação, os profissionais de instituições de patrimônio cultural, como os bibliotecários, sempre buscaram utilizar diversos signos que evocassem um conceito específico para os usuários. Isso requer uma representação lógica e coerente dos recursos informacionais, de forma que os usuários possam recuperar e se apropriar das informações presentes nesses recursos de maneira mais precisa e significativa.

A semiótica desempenha um papel relevante na organização e representação da informação e do conhecimento, abrangendo desde a construção dos sistemas de organização do conhecimento até as estratégias e modelos de análise dos recursos informacionais representados nesses sistemas. De acordo com Moradi e Sharifabadi (2008), os sistemas de organização do conhecimento utilizam elementos como palavras, termos, conceitos, categorias ou signos para estruturar e classificar o conhecimento. Cada um desses elementos possui um significado formal que estabelece sua relação com outros signos. Somado a isso, a configuração dos conceitos prevê uma alocação conforme a teoria do conhecimento, assim perfazendo-se em uma prática, uma ação ou em um conjunto de estratégias para ajustar os objetos tratados.

Além dos elementos que expressam significados, os modelos conceituais na organização do conhecimento incluem hierarquias e redes, que são coleções interconectadas de signos. Essas estruturas permitem representar a relação entre os signos de forma mais abrangente e complexa, possibilitando uma compreensão mais aprofundada dos recursos informacionais e seu contexto, bem como uma experiência de busca e recuperação da informação mais eficiente e satisfatória, o que muitas vezes é delimitado como domínio, ou seja, determinado conceito tem determinado efeito de sentido, por conseguinte uma conduta de acordo com o cenário em que se é aplicado, tal situação expressa a concepção de formas de vida, delineada na semiótica de Fontanille.

A representação de artefatos culturais possui diversidade em termos de forma, natureza, ênfase em aspectos ou características específicas, graus de fidelidade e gramáticas utilizadas para codificar a informação. Essas representações não têm a finalidade de simplesmente exibir ou interagir com uma imitação do objeto, mas sim de serem instrumentos para análise e formulação de afirmações sobre o mundo (CARBONI e LUCA, 2019).

Por essas razões, é fundamental obter uma compreensão aprofundada de como atribuímos significado aos artefatos culturais e de como identificamos e diferenciamos suas diversas composições. Para alcançar esse objetivo, os modelos conceituais desempenham um papel crucial na representação estruturada desses artefatos. Nesse contexto, destaca-se o CIDOC CRM, uma ontologia de nível superior que fornece uma estrutura conceitual para a modelagem de artefatos culturais.

Neste estudo, foi realizada uma análise das definições de entidade e descrição das propriedades fundamentais do CIDOC CRM, conforme expressas na documentação oficial desse modelo. Essas definições são de extrema importância para a representação semântica de artefatos culturais. O foco da análise recaiu sobre os atributos destacados na representação desses artefatos, buscando explorar a contribuição da semiótica prática de Fontanille para a descrição das entidades relacionadas a eles.

No Quadro 1, foram identificadas e discutidas as possíveis contribuições da semiótica prática de Fontanille no contexto da representação de artefatos culturais. Essas contribuições foram analisadas em relação aos atributos específicos utilizados para descrever as entidades relacionadas a esses artefatos no CIDOC CRM. Através dessa análise, buscou-se compreender como a semiótica prática pode enriquecer a descrição e representação semântica desses artefatos, oferecendo uma perspectiva teórica valiosa para a compreensão dos significados e das relações simbólicas associadas a eles.

Quadro 1 - Relação entre as entidades do CIDOC CRM e a semiótica prática

Entidade	Descrição da entidade	Correspondência com nível ou função semiótica	Descrição de análise semiótica
E2 <i>Temporal Entity</i>	“Período”, que une o fenômeno relacionado e o fenômeno sociocultural delimitado no espaço e no tempo. Essa extensão no tempo deve ser contígua, ou seja, sem lacunas.	Nível 2 – texto-enunciado	Por se tratar de abordagem temporal, os aspectos discursivos ao serem retomados precisam garantir a isotopia.
E3 <i>Condition State</i>	Esta classe compreende os estados de objetos caracterizados por uma certa condição ao longo de um intervalo de tempo.	Nível 3 – objetos	Por estar direcionado à análise das condições informacionais do objeto, sua estrutura, anatomia e preservação são fundamentais.
E5 <i>Event</i>	Compreende processos e interações distintos, delimitados e coerentes de natureza material, em sistemas culturais, sociais ou físicos.	Nível 4 – cenas práticas	Por se tratar de eventos que preveem a interação, é importante haver a descrição e a compreensão de como as ações foram realizadas.
E7 <i>Activity</i>	Compreende ações realizadas intencionalmente por instâncias do Ator E39 que resultam em mudanças de estado nos sistemas culturais, sociais ou físicos documentados.	Nível 5 – estratégias	Por se tratar de conjecturas e conjunto de informações, atos e decisões.
E18 <i>Physical Thing</i>	Compreende todos os objetos físicos, feitos pelo homem e naturais.	Nível 1 – figuras-signos Nível 3 – objeto	Atribui-se a presença do nível 1 devido ao reconhecimento de elementos mínimos que perfazem as imagens propostas; A presença marcante do nível 3 é devido à concentração da informação na constituição do objeto.

E21 <i>Person</i>	Compreende pessoas reais que vivem ou supostamente viveram.	Nível 6 – formas de vida	As pessoas são simbólicas pela sua conduta, ou seja, pela atuação de um <i>ethos</i> frente às dinâmicas sociais, culturais, políticas, históricas e científicas.
E28 <i>Conceptual Object</i>	Compreende produtos não materiais de nossas mentes e outros dados produzidos pelo homem que se tornaram objetos de um discurso sobre sua identidade, circunstâncias de criação ou implicação histórica.	Nível 3 – Objetos Nível 6 – formas de vida	Embora se trate de resultados de cultura não-material, o resultado, o produto que estabelece um símbolo no cerne cultural é um objeto; A conduta e a aplicabilidade estão alinhadas a formação de um <i>ethos</i> , que direciona a formação conceptual, por isso a presença das formas de vida.
E31 <i>Document</i>	Compreende itens imateriais identificáveis que fazem proposições sobre a realidade. Essas proposições podem ser expressas em texto, gráficos, imagens, audiogramas, videogramas ou outros meios semelhantes.	Nível 1 – figuras-signos Nível 3 – objeto	O nível 1 é importante para o apontamento dos elementos mínimos que constituem os sentidos; O nível 3 evidencia a existência do próprio objeto, assim há a inter-relação entre o objeto e as marcas que o constitui.
E33 <i>Linguistic Object</i>	Esta classe compreende expressões identificáveis em linguagem ou linguagens naturais.	Nível 2 – texto-enunciado	É a manifestação do sentido através do texto, a veiculação de uma mensagem.
E36 <i>Visual Item</i>	Compreende os aspectos intelectuais ou conceituais de marcas reconhecíveis, imagens e outras obras visuais.	Nível 4 – cenas práticas Nível 5 – estratégias	Reconhecer as práticas aplicadas para a reprodução de cenas conhecidas; A aplicação de conjecturas para garantir a reprodução de elementos que configurem a intertextualidade e a interdiscursividade em uma práxis enunciativa.
E39 <i>Actor</i>	Compreende pessoas, individualmente ou em grupos, que têm o potencial de realizar ações intencionais de tipos pelos quais alguém pode ser responsabilizado.	Nível 6 – formas de vida	A conduta e a aplicabilidade estão alinhadas a formação de um <i>ethos</i> , que direciona a formação conceptual, por isso a presença das formas de vida.
E41 <i>Appellation</i>	Compreende signos, significativos ou não, ou arranjos de signos seguindo uma sintaxe específica, que são usados ou podem ser usados para se referir e identificar uma instância específica de algum classe ou categoria dentro de um determinado contexto.	Nível 1 – figura-signos	A valorização dos elementos mínimos de sentido, como signos, figuras e suas correlações na composição da informação.
E73 <i>Information Object</i>	Compreende itens imateriais identificáveis, como poemas, piadas, conjuntos de dados, imagens, textos, objetos	Nível 2 – texto-enunciado Nível 3 –	Além da constituição da informação materializada em textos e enunciados, há também a materialidade e a

	multimídia, prescrições processuais, código de programa de computador, algoritmo ou fórmulas matemáticas, que possuem uma estrutura objetivamente reconhecível e são documentados como unidades únicas.	objeto	fiscalização desses textos em documentos.
E89 <i>Propositional Object</i>	Compreende itens imateriais, incluindo, entre outros, histórias, enredos, prescrições processuais, algoritmos, leis da física ou imagens que são, ou representam em algum sentido, conjuntos de proposições sobre coisas reais ou imaginárias e que são documentadas como unidades únicas ou servir como tópico do discurso.	Nível 2 – texto-enunciado Nível 4 – cenas práticas	A presença do conteúdo manifestado em texto, além da reconfiguração da cena prática para que possa compreender o cenário de sua aplicação.
E90 <i>Symbolic Object</i>	Compreende símbolos identificáveis e qualquer agregação de símbolos. Inclui conjuntos de signos de qualquer natureza, que podem servir para designar algo, ou para comunicar algum conteúdo proposicional.	Nível 1 – figura-signo Nível 2 – texto-enunciado Nível 4 – cenas práticas Nível 6 – formas de vida	A presença de elementos mínimos como forma, cor, tom, volume, espessura, além do teor comunicativo presente no enunciado do texto. Esses fatores configuram uma cena fundamentada por práticas de uma cultura ou de um tempo, os quais ganham destaques em sua simbologia porque representa um ethos determinado, que estabelece uma conduta inconfundível.

Fonte: Elaboração própria, com base em ICOM-CIDOC (2021).

A relação entre as entidades do CIDOC CRM e as práticas semióticas propostas no Quadro 1 evidencia o potencial das práticas seculares no campo da informação, sobretudo, as que são objeto da Organização e Representação do Conhecimento, serem investigadas e aperfeiçoadas a partir da vinculação do conceito, isto é, o processo de significação, ser construído e amparado a partir das formas de vida e, para tanto, a semiótica ao longo dos últimos anos se revela a base fundamental.

Ressalta-se que os níveis de pertinência do percurso gerativo da expressão não manifestam significação de forma isolada, mas operam em uma progressão hierárquica. No entanto, o esboço apresentado no Quadro 1 demonstra em quais níveis as atividades de significação estão concentradas, enfatizando a importância do nível de imanência. Os níveis destacados para cada classificação indicam a ênfase no plano da expressão que conduzirá à análise da semiose.

Ao tratar da representação da informação de artefatos para modelagem conceitual, torna-se importante destacar que a significação não está pronta no próprio artefato cultural, a significação é construída, conforme destaca Martines e Almeida (2021), no ato enunciativo, por meio da estabilização da isotopia nos diferentes níveis de pertinência. Isso implica

reconhecer que a interpretação e a atribuição de metadados para modelagem conceitual são processos ativos que ocorrem durante a descrição dos artefatos. Os metadados fornecem informações contextuais e descritivas sobre os artefatos, enriquecendo sua representação e facilitando o acesso e a recuperação das informações.

Com base em Martines e Almeida (2021), os níveis de pertinência destacados na representação da informação envolvem as figuras-signos, textos-enunciados, objetos, cenas predicativas, estratégias e formas de vida. Depreende-se nesta pesquisa que cada nível desempenha um papel na construção dos significados atribuídos aos artefatos culturais. As figuras-signos são responsáveis pela identificação dos signos e conceitos veiculados no artefato cultural. Os textos-enunciados são os níveis em que ocorre a interpretação e a identificação da rede semântica que estabelece a malha de significados do artefato cultural. Os objetos se referem à corporeidade física do artefato cultural e ao seu suporte material. As cenas predicativas representam a materialidade das descrições conceituais, ou seja, o conjunto informacional que configura o conhecimento articulado no artefato, além de rememorar os procedimentos práticos de uso e manuseio do objeto, ou ainda a sua ocupação em um cenário. As estratégias envolvem a construção de conjunturas, tanto na estruturação e concepção do artefato por parte do produtor e do profissional da modelagem, quanto pelo usuário informacional. Por fim, as formas de vida representam pontos de identificação da forma informacional que revela comportamentos, condutas, *ethos* e hábitos, podendo ser decorrentes das descrições ou da representação.

As classes no modelo CIDOC CRM, por sua vez, incluem Entidades, Atividades, Lugares, Tempos, Conceitos e informações sobre relações temporais, espaciais e contextuais. Essas classes são relevantes para a representação dos artefatos culturais e a atribuição de metadados, pois abrangem diferentes aspectos dos artefatos. As propriedades, por sua vez, descrevem as relações entre essas classes e permitem capturar características específicas dos artefatos, como sua proveniência, função, materialidade, contexto cultural e outros aspectos relevantes para a sua compreensão e interpretação.

Ao relacionar a semiótica prática de Fontanille com a modelagem conceitual e a atribuição de metadados aos artefatos culturais, percebe-se que essa abordagem oferece uma perspectiva rica para compreender as dimensões semânticas presentes nesses artefatos, principalmente por aquilo que se revela nos níveis de imanência e incidem na constituição da práxis enunciativa. A análise dos diferentes níveis de pertinência proposta pela semiótica prática, juntamente com a consideração das classes e propriedades no modelo CIDOC CRM, contribui para uma representação mais abrangente e precisa dos significados atribuídos aos artefatos culturais. Essa abordagem permite uma compreensão mais aprofundada dos processos semânticos envolvidos na construção e interpretação desses artefatos, promovendo uma análise enriquecedora e abrangente da significação presente neles, já que fornece condições de representar as formas de vida.

6. Considerações finais

No contexto da representação da informação, a compreensão semiótica dos sistemas de organização do conhecimento e dos processos de representação desempenha um papel crucial, especialmente ao ser relacionada à modelagem conceitual e ao modelo CIDOC

Conceptual Reference Model (CRM), devido à sua capacidade de oferecer uma base teórica e metodológica para uma representação coerente e significativa dos artefatos culturais.

A modelagem conceitual é um processo que envolve a criação de modelos que representam os conceitos e as relações de um determinado domínio de conhecimento. A compreensão semiótica dos sistemas de organização do conhecimento contribui para esse processo ao fornecer uma estrutura conceitual que permite a análise dos signos e dos processos de significação presentes na representação da informação.

Ao utilizar a compreensão semiótica, é possível identificar e analisar os diferentes níveis de pertinência presentes na representação da informação. Isso inclui a análise das figuras-signos, textos-enunciados, objetos, cenas predicativas, estratégias e formas de vida, conforme discutido ao longo da pesquisa. Esses níveis desempenham um papel fundamental na construção dos significados atribuídos aos artefatos culturais e em sua representação adequada no contexto do CIDOC CRM, ampliada pela isotopia concernente aos níveis de imanência.

A compreensão semiótica dos sistemas de organização do conhecimento também auxilia na identificação das propriedades relevantes para descrever os artefatos culturais no CIDOC CRM. Essas propriedades capturam características específicas dos artefatos, como sua proveniência, função, materialidade, contexto cultural, entre outros aspectos relevantes. A análise semiótica permite compreender como essas propriedades se relacionam com os conceitos e as estruturas de significação presentes nos artefatos culturais, o que contribui para uma compreensão mais aprofundada dos significados culturais presentes nos artefatos, promovendo a preservação e a disseminação do conhecimento no campo do patrimônio cultural, visto a importância das formas de vida.

Conclui-se que ao adotar a abordagem da semiótica prática de Fontanille e ao explorar as definições e propriedades do CIDOC CRM, torna-se possível aprofundar a análise das entidades relacionadas aos artefatos culturais. Essa abordagem permite uma compreensão mais abrangente dos processos semânticos envolvidos na representação desses elementos, contribuindo assim para uma representação adequada e coerente dos objetos informacionais. Assim, esse estudo contribui para o desenvolvimento teórico no campo da representação do patrimônio cultural, permitindo uma melhor compreensão e comunicação dos significados culturais presentes nos artefatos e, conseqüentemente uma melhor visualização das cenas práticas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

AGANETTE, C.; TEIXEIRA, M. D.; AGANETTE, J. P.

2017 A Representação descritiva nas perspectivas do século XXI: um estudo evolutivo dos modelos conceituais. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*. [Em linha]. 22:50 (2017) 176-187. [Consult. 23 jun. 2023]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p176>.

ALMEIDA, C. M.; AZEVEDO NETTO, C. X.

2019 Entre escombros e resistência: a memória da Jurema em Alhandra/PB. In *XX Encontro Nacional de Ciência da Informação*. [Em linha]. Florianópolis: UFSC, 2019, p. 1-20. [Consult. 19 dez. 2023]. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1095/711>.

AZEVEDO NETTO, C. X.

2007 Informação e Memória: as relações na pesquisa. *Revista História em reflexão*. [Em linha] 1:2 (2007) 1-20. [Consult. 20 jun. 2023]. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/412>.

BUCKLAND, M.

2017 Reflections on Suzanne Briet. In *Fondements épistémologiques et théoriques de la science de l'information-documentation: Actes du 11^e colloque ISKO França*. Paris: [s. n.], 2017, p. 10-21.

BUCKLAND, M.

1991 Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*. 45:5 (1991) 351-360.

CARBONI, N.; LUCA, L.

2019 An Ontological approach to the description of visual and iconographical representations. *Heritage*. [Em linha]. 2:2 (2019). [Consult. 25 jun. 2023]. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2571-9408/2/2/78>.

CARRASCO, L. B.

2019 *Integração de conteúdos culturais heterogêneos em ambientes digitais do patrimônio cultural: harmonização de modelos culturais*. [Em linha]. 2019. [Consult. 23 jun. 2023]. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182113/carrasco_lb_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y.

Tese de Doutorado em Ciência da Informação – Universidade Estadual Paulista.

COLE, M.

1996a *Cultural psychology: a once and future discipline*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

COLE, M.

1996b Desenvolvimento cognitivo e escolarização formal: a evidência da pesquisa transcultural. In *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Org. L. C. Moll. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 85-105.

DOEER, M.

2003 The CIDOC Conceptual Reference Module: an ontological approach to semantic interoperability of metadata. *AI Magazine*. [Em linha]. 24:3 (2003). [Consult. 24 jun. 2023]. Disponível em: <https://ojs.aaai.org/aimagazine/index.php/aimagazine/article/view/1720>.

DORNELLES, L. A.

2010 A Representação nos estudos culturais: artefatos culturais comunicadores de significados. *Webartigos*. [Em linha]. 2010. [Consult. 25 jun. 2023]. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-representacao-nos-estudos-culturais-artefatos-culturais-comunicadores-de-significados/45698>.

ENGESTRÖM, Y.

1999 Innovative learning in work teams: analysing cycles of knowledge creation in practice. In *Perspectives on activity theory*. Ed. Y. Engeström *et al.* Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 377-404.

FLEMING, E. M.

1974 Artifact study: a proposed model. *Winterthur Portfolio*. [Em linha]. 9 (1974) 153-173. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1180572>.

FONTANILLE, J.

2016 *Práticas semióticas*. Trad. Desiderio Blanco. Lima: Fondo Editorial, 2016.

FONTANILLE, J.

2015 *Formas de vida*. Trad. Desiderio Blanco. Lima: Fondo Editorial, 2015.

FONTANILLE, J.

2008a Práticas semióticas: a imanência e pertinência, eficiência e otimização. In *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Org. Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, Jean Cristtus Portela. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

FONTANILLE, J.

2008b Semiótica do discurso: balanço e perspectivas. Trad. Jean Cristtus Portela, Matheus Nogueira Schwartzmann. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. [Em linha]. 6:1 (2008). [Consult. 10 jun. 2023]. Disponível em: <https://doi.org/10.21709/casa.v6i1.951>.

FUSCO, E.

2010 *Modelos conceituais de dados como parte do processo da catalogação: perspectiva de uso dos FRBR no desenvolvimento de catálogos bibliográficos digitais*. 2010. Tese de Doutorado em Ciência da Informação – Universidade Estadual Paulista.

GLUSHKO, R. J. (Ed.).

2016 *The Discipline of organizing: informatics edition*. 4^a ed. Massachusetts: MIT Press, 2016.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. CIDOC CRM Special Interest Group

2021 *Definition of the CIDOC Conceptual Reference Model: version 7.1.1*. [Em linha]. 2021. [Consult. 23 jun. 2023]. Disponível em: <http://www.cidoc-crm.org/version/version-7.1.1>.

MARCONDES, C. H.

2015 O Papel dos modelos conceituais para interoperabilidade entre acervos digitais de arquivos, bibliotecas e museus. In *Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital: actas del VII Encuentro Ibérico EDICIC*. 2015.

MARTINÊS, A. R.; ALMEIDA, C. C.

2021 Semiótica documental: retomando um diálogo. In *Organização do Conhecimento no Horizonte 2030: Desenvolvimento Sustentável e Saúde*. Org. Carlos Guardado da Silva, Jorge Revez, Luís Corujo. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos; Colibri, 2021, p. 569-581.

MORADI, K.; SHARIFABADI, S. R.

2018 Semiotics and FRBR. *Journal of Studies in Library and Information Science*. [Em linha]. 10:23 (2018) 1-14. [Consult. 20 jun. 2023]. Disponível em: https://slis.scu.ac.ir/article_13933.html?lang=en.

PACHECO, L. M. S.

1995 Informação enquanto artefato. *Informare*. 1:1 (1995) 20-24.

PAGÈS, R.

1948 Transformations documentaires et milieu culturel, *Review of documentation*. [Em linha] 15:3 (1948) 53-64. [Consult. 19 dez. 2023]. Disponível em: <https://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol8/iss1/3/>.

REIS, M. S.; CASTRO, F. F.; FUJITA, M. S. L.

2023 Análisis del modelo conceptual CIDOC-CRM desde los principios básicos de la catalogación descriptiva en museos. *Anales de Documentación*. [Em linha]. 26 (2023) 1-12. [Consult. 19 dez. 2023]. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/analesdoc.536221>.

SANTOS, P. L. V. A. C.; SIMIONATO, A. C.; ARAKAKI, F. A.

2014 Definição de metadados para recursos informacionais: apresentação da metodologia BEAM. *Informação & informação*. [Em linha]. 19:1 (2014) 146-163. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44884>.

SMIRAGLIA, R. P.

2008 Rethinking what we catalog: documents as cultural artifacts. *Cataloging & Classification Quarterly*. [Em linha]. 45:3 (2008) 25-37. [Consult. 20 jun. 2023]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233294218_Rethinking_What_We_Catalog_Documents_as_Cultural_Artifacts.

STEAD, S.

2008 *The CIDOC CRM, a standard for the integration of cultural information*. [Em linha]. Crete: ICS-FORTH, 2008. [Consult. 27 jun. 2023]. Disponível em: <https://cidoc-crm.org/cidoc-crm-tutorial>.

Etefania Cristina Pavarina | e.pavarina@unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil

Alexandre Robson Martines | alexandre.martines@unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil

Carlos Cândido de Almeida | carlos.c.almeida@unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil